

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n36.13>

Talvez esperasse a hora: um balanço¹

Entrevista com Nilma Gonçalves Lacerda

Cecília Barchi Domingues²

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira³

Acendi a vela, desenrolei os papéis, molhei a pena no tinteiro.
Nilma Lacerda (2010, p. 11)

A escritora carioca Nilma Gonçalves Lacerda, reconhecida no campo literário pelas inúmeras premiações, tem graduação em Letras, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1970), mestrado (1980) e doutorado (1995) em Letras Vernáculas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e pós-doutorado em História Cultural, pela *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* (2001-2002) e *Collège de France* (2013-2014). Em seu percurso, Lacerda foi professora na graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e sempre conciliou prática docente, estudos teóricos sobre educação e literatura infantil e juvenil, bem como produção literária. Sua motivação para a escrita literária iniciou-se na oficina ministrada pelo escritor Cyro dos Anjos, no curso de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1985, estreou como escritora, vencendo, aos 37 anos, um concurso de Literatura Brasileira com seu romance *Manual de tapeçaria*. Nesse ano, também angariou o Prêmio Alfredo Machado Quintela, concedido pela Fundação Na-

¹ Trabalho resultante de pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto Literatura e Formação do Leitor: Implicações Estéticas, Históricas e Sociais, custeado pelo CNPq, conforme Processo: 403888/2022-0.

² Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

³ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

cional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, com a novela *Dois passos pássaros. E o voo arcanjo*. Essas obras premiadas foram publicadas sob o pseudônimo “da silva” e, conforme Laura Sandroni, já revelavam o talento da escritora e o ineditismo de sua produção.

A visibilidade alcançada no âmbito literário não impediu que Lacerda prosseguisse com sua carreira de professora e pesquisadora. Ela investiu em pesquisas voltadas à formação do leitor que resultaram em publicações científicas, nas quais questiona métodos de ensino e discute a importância da literatura, denunciando as precariedades do sistema de ensino brasileiro. No período de 2007 a 2010, a autora foi Membro do Conselho Deliberativo do Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER, pela Fundação Biblioteca Nacional. Nesse período, ganhou destaque no exterior com sua obra *Estrela-de-rabo e outras histórias doidas*, traduzida com o título de *Rabo de estrella y otras historias locas*, publicada na Colômbia no ano de 2007 e, em 2009, em Cuba. Seu último trabalho, como tradutora do livro *O Arminho dorme* (2009), de Xosé Neira Cruz, recebeu o Prêmio Monteiro Lobato, concedido pela FNLIJ, na categoria melhor tradução e/ou adaptação. Também, angariou o selo de Altamente Recomendável, pela mesma Fundação, e entrou para a lista de honra do IBBY (IBBY Honour List 2012 – translator). Suas obras já foram laureadas com o Jabuti, o Prêmio Rio de Literatura, o Melhor para o Jovem da FNLIJ, o Prêmio Brasília de Literatura, entre outros.

A inclusão de seus livros – *Estrela-de-rabo e outras histórias doidas* (2005), *Sortes de Villamor, Bárbara debaixo da chuva* (2010) e *Viver é feito à mão/Viver é risco em vermelho* (1989) – em acervos resultantes de políticas públicas, como os do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e os do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD-Literário), de 2020, tanto atesta o valor estético dessas obras que passaram por pareceristas, quanto as democra-

tiza para o jovem leitor, pois as torna disponíveis em salas de leitura e/ou bibliotecas de escolas públicas de todo o País. Cabe destacar que sua tradução de *O Arminho dorme* (2009), de Xosé Neira Cruz, também integra os acervos do PNBE. Como se pode notar, a produção literária de Nilma Lacerda tem o reconhecimento da crítica literária e da academia, pois suas obras são objeto de pesquisa de mestrado e doutorado, sobretudo, em Letras e Educação.

1 *Clarice Lispector escreveu para seu filho de oito anos O mistério do coelho pensante (1967) que, posteriormente, foi publicado como seu primeiro livro de literatura infantil. Em suas produções, há duas obras que marcaram sua carreira como escritora, Manual de tapeçaria (1985), destinada ao público adulto, e Dois passos pássaros. E o voo arcanjo (1987), destinada ao público jovem. Apesar da data de publicação ser de anos distintos, a descoberta delas pela crítica foi no mesmo ano, através dos concursos e de consequentes premiações. Quando você escreve tem em vista o público (faixa etária) a que se dirige? O que a motivou a escrever para o público jovem?*

Não pensava escrever para o jovem de forma específica em *Dois passos pássaros. E o voo arcanjo*. Precisava me expressar sobre um tema (ou obsessão). A novela foi a forma escolhida, o concurso em que a coloquei visava ao público jovem. Aconteceu. Mas é possível que tenha conduzido a narrativa por caminhos acessíveis à leitora jovem. É possível que tentasse responder, assim, à jovem em mim; como terei respondido à adulta, ao menos temporariamente, com *Manual de tapeçaria*. As perguntas deste último continuam a latejar, o que deverá me levar, talvez, a retomar o tema, personagens, perplexidades e convicções em outra narrativa, *Por detrás do tapete*. Escreve-se

para produzir perguntas que conduzam a respostas que sabemos ser impossíveis alcançar de forma plena. Escrever é a resposta.

2 Em uma entrevista cedida para Juliana Cruz e João Luís Ceccantini, há a sua afirmação de que escreve para mitigar a ferida da vida e que, desde a infância, foi leitora. A sede pela expressão e a paixão pela literatura é bastante frequente em seu discurso. Desse modo, gostaríamos de saber em que fase de sua vida a escrita passou a ser seu balão de oxigênio, tendo em vista a afirmação de que o estímulo de sua escrita reside no ar que lhe falta.

Meus pais obtiveram minha cumplicidade para fazer de mim uma professora. A professora primária fez-se mais tarde professora de língua portuguesa e literaturas, habituou-se à intimidade com arcaísmos literários. O passo seguinte veio de forma orgânica, e as primeiras incursões na literatura surgem no mestrado em Literatura Brasileira, na oficina literária com o escritor Cyro dos Anjos. Não pensei que poderia escrever literatura. O supérfluo e o agudo. E fiz isso por considerar possível e sem um plano preconcebido. Comecei pelo feminino e pelo magistério, duas vias em busca de expressão. A escrita tem me trazido ar e autoconhecimento.

(Escrevi *No ar que me falta* em 2018; em 2021, Luiz Schwarcz publica sua autobiografia *O ar que me falta*. Um bom livro, honesto e corajoso. Interessante a coincidência; escrevemos - e não só Schwarcz e eu - por falta de ar.)

3 A partir das informações levantadas sobre o início de sua carreira como escritora nota-se a eleição de um pseudônimo “da Silva”, para submeter suas produções aos concursos. Por que optou por esse recurso? Há obras de sua autoria publicadas com outros pseudônimos?

“da silva”, em minúsculas, foi usado apenas com *Manual de tapeçaria*, obra inscrita no prêmio Rio de Literatura, da Fundação Rio de Cultura. A mesma obra, com o título *Enredos de hera*, foi inscrita em um concurso em São Paulo, onde obtive o segundo lugar. O pseudônimo seria outro, mas não me lembro. Uso pseudônimos apenas por exigência de anonimato em concursos literários. Se bem que, em certas ocasiões, tenha batido uma tentação de me disfarçar para escrever outras coisas, resisti. Nada como assinar o nome, grande conquista feminina.

4 *Entre suas primeiras publicações aparece a menção à obra Menino e olhos: flor (1987), já esgotada no mercado. Qual a história de publicação deste livro? Por que não houve reedição? Como conseguir um exemplar?*

A tiragem foi pequena e a editora não teve interesse na reedição. Tem seus méritos e seus defeitos, como publicações de início de carreira, mas serviu para um aprendizado importante, no campo da literatura que crianças e jovens também podem ler. Publicada pela Orientação Cultural, pequena editora do Rio, a obra foi quase uma autopublicação, na medida em que me envolvi bastante em sua produção. A editora realizava um bom trabalho de divulgação escolar, com oferta de cursos de literatura para crianças e jovens, que supriam a falta de formação na área, ainda nos anos de 1980, início do surgimento de disciplinas em graduação ou cursos de especialização em universidades públicas. Francisca Nóbrega, saudosa autora e mais tarde professora no curso da Universidade Federal do Rio de Janeiro, emprestava consultoria à editoria.

5 *Conforme seu lattes, a bolsa VITAE foi concedida para a produção do romance Um homem valente – ficções. Ele foi publicado? Encontra-se disponível?*

O livro encontra-se ainda inédito, mais de vinte anos após sua escrita. Havia uma promessa de publicação em 2020, por uma pequena editora do Rio Grande do Sul, mas a pandemia transtornou os planos iniciais. O projeto deve se realizar este ano, e não faltaram empenho e buscas para a publicação das *fricções* entre pintura e literatura em um romance sobre vida e obra do pintor Iberê Camargo.

6 *Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho teve sua primeira publicação em 1989 e a última em 2013. É seu livro com mais edições – quatro – e, recentemente, passou a compor o acervo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD-Literário) de 2020. Na sua concepção, por que este livro chamou a atenção do mercado editorial 32 anos depois de sua primeira publicação?*

Este livro tem uma história extremamente singular. Escrito antes de Dois passos pássaros. E o voo arcanjo e enviado, em 1984, para o mesmo concurso que este último venceria – o prêmio Alfredo Machado Quintella da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil –, não obteve classificação. O parecer do júri, no entanto, comunicava não ter havido nenhum livro digno de receber o prêmio. Uma coisa é o seu livro não ser o melhor. Outra coisa é seu livro ser parte de um conjunto de obras sem valor. Isso me deixou muito abatida, naturalmente. Após a divulgação do resultado, fui buscar meus originais (era tempo de originais impressos, que costumavam ser devolvidos aos autores), na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Por um desses acasos felizes, Laura Sandroni, uma das criadoras da FNLIJ, e das mais importantes críticas literárias e divulgadoras da literatura de qualidade para crianças e jovens, me ouviu pedir o original. Já nos conhecíamos de alguns eventos na área e ficou surpresa ao me ver: “Você é a autora dessa obra?” – “Sou”, respondi. “Ela é muito boa”, disse. Não

pude deixar de fazer um comentário triste: “Não boa o suficiente para este concurso”. Laura me relatou então que o resultado foi uma opção do campo editorial, e que eu não estava sozinha no insucesso. Referiu-se a uma grande autora, que muito admiro, cujo original foi igualmente recusado como incapaz de receber o prêmio. Meu texto tinha muitas qualidades, Laura votou por ele, mas o argumento era de que o prêmio deveria atender ao aspecto comercial da obra contemplada e não apenas à qualidade estética.

Até hoje sou uma autora que ganha prêmios, que é considerada nos meios críticos, tomada como referência acadêmica, mas que venderá pouco em relação a outras autoras, outros autores. *Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho*, a partir da belíssima edição pela Positivo, com ilustrações de Maurício Negro, sob coordenação de Marcelo del’Anhol, será uma das exceções. O volume de contos *Estrela de rabo e outras histórias doidas*, recentemente em 4ª edição, revista e aumentada, com o título de *Estrela de rabo e mais histórias* também. Mas voltemos à conversa com Laura. Perguntou se eu aceitaria algumas sugestões que fizessem do livro um produto mais ao gosto do mercado editorial. A primeira parte era muito sofisticada intelectualmente, ou algo semelhante. Entre o amargor e a ironia, observei que James Joyce, de quem tomei a epígrafe para *Viver é feito à mão (Retrato do artista quando jovem)*, podia ser intelectual e sofisticado, Saint Exupéry com seu *O pequeno príncipe*, também, e vender milhões. Eu, mulher brasileira, não podia. Mas é claro que aceitei as sugestões de Laura, e reescrevi a primeira parte do livro por inteiro, investindo na leveza, no humor, na comunicação direta, sem perda da experiência existencial e estética. A editora Agir decidiu publicá-lo e acatou minha sugestão de convidar Regina Yolanda e Paula Saldanha para ilustrá-lo. Em 1986, pouco antes de sair o Plano Cruzado, uma das inúmeras e fracassadas formas de controlar a inflação, tivemos

uma reunião na sede da editora, e vislumbrei uma das mais belas imagens que trago na retina, e infelizmente apenas aí permanece. Regina e Paula dispuseram as imagens que tinham criado para o livro em uma grande espiral ocupando a superfície da enorme e antiga mesa redonda que lá havia. Fiquei muito contente. O que importava o prêmio que não me deram, apesar do valor da obra? Reescrito em parte, ilustrado com mestria, seria um belo livro. Um belo livro que precisou de 27 anos para acontecer como deveria.

A extrema generosidade de Regina Yolanda e de Paula Saldanha, que cederam gratuitamente algumas ilustrações, permitiu que a editora Miguilim editasse o livro numa versão modesta, em 1989. O resultado das vendas nunca me chegou de forma adequada. Mais uma vez, o grande lucro foi ouvir de Maria Antonieta Cunha que apesar de saber que o livro não venderia quis editá-lo “porque era um bom livro e merecia ser publicado”.

Não foi a única vez de um trajeto acidentado com um livro meu. Anos depois, em um concurso internacional, ouvi de um dos membros da comissão julgadora praticamente a mesma coisa que Laura Sandroni havia me dito. Dessa vez, não tive qualquer chance de diálogo.

7 *Ainda em Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho, há a seguinte dedicatória: “Este texto só aconteceu como objeto-livro porque há, neste país, uma pessoa de rara sensibilidade e ímpar competência, por nome: Laura Constância Sandroni. A ela pertence este livro”. Quais foram as contribuições de Sandroni?*

Como terá observado, contemplei sua indagação ao contar a história do livro, logo acima.

8 *Quem conhece parte de seu trabalho observa que, em suas publicações, não faltam críticas ao sistema educacional brasileiro e, principalmente, ao patriarcado. Grande parte de suas perso-*

nagens são femininas com uma grande necessidade de se expressar através da escrita e da leitura. Essas personagens foram inspiradas pela sua vivência, como mulher e professora?

“Escreve com teu sangue e será verdade”, “Madame Bovary sou eu”. São frases de Nietzsche e de Gustave Flaubert. Mulher, brasileira, professora de rede pública, em seus vários estágios, e também da rede privada de educação. Com esses itens na “hoja de vida”, como não me expressar de forma crítica em face do que vejo na educação, na história feminina e nas outras diversas discriminações e injustiças em relação às minorias?

- 9 Em seu projeto estético, notamos o predomínio de uma produção juvenil emancipatória. Em sua escrita, há sempre um engajamento ou uma denúncia social? A professora comparece guiando a mão da escritora ou ambas se completam de forma harmoniosa?

Emilia Gallego Alfonso, uma intelectual cubana que muito admiro, e é amiga pessoal, me chamou certa vez a atenção para isso. Escrever literatura é uma forma de exercer o magistério. Uma escritora quer compartilhar sua visão de mundo, extasiar-se com a beleza e com o intrincado, expor hipocrisias, denunciar injustiças. No currículo que seleciona, uma professora deve também trilhar esse caminho. Outra amiga muito próxima, Pensilvania Diniz Guerra Santos, me mostrou, mais de uma vez, o quanto eu falava com meus alunos e minhas alunas do 2º segmento do Fundamental, em grande parte pobres e pretos, em uma linguagem poética densa. E as turmas me acompanhavam, comprando o pacote por inteiro. Assim também na universidade. Acredito que ser professora me ajudou a ser escritora. Ou talvez a escritora apenas esperasse a hora, fosse qual fosse a profissão. Como saber?

- 10 *Juliana Cruz possui uma tese intitulada “A perspectiva da morte na obra infanto-juvenil de Nilma Gonçalves Lacerda”, na qual*

faz um levantamento de quinze obras literárias de sua autoria e as analisa. Ao observarmos suas análises, notamos que muitas de suas personagens femininas, as quais compõem narrativas anteriores aos anos noventa, lutam contra o sistema patriarcal, rejeitam-no e denunciam-no. Contudo, nas narrativas mais contemporâneas, essas personagens nem sempre questionam o papel da mulher na sociedade. Dessa forma, gostaríamos de saber o que motivou essa mudança de abordagem?

Você acha que houve mudança? Examinemos a produção:
1985 | *Manual de tapeçaria*
1987 | *Dois passos pássaros. E o voo arcanjo, Meninos e olhos: flor*
1989 | *Viver é feito à mão/ Viver é risco em vermelho*
1997 | *As fatias do mundo*
2000 | *Fantasia, Fingimentos e Finalmente!*
2004 | *Um dente de leite, um saco de ossinhos*
2005 | *Pena de ganso, Estrela de rabo*
2010 | *Bárbara debaixo da chuva, Sortes de Villamor*
2014 | *Água de anil*
2018 | *Pégaso na sala de jantar*

A protagonista de *Manual de tapeçaria* apresenta diante da vida a mesma perplexidade e coragem que caracteriza a personagem suicida de *Dois passos pássaros. E o voo arcanjo*. Ambas as protagonistas de *Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho* mostram-se inconformadas, corajosas e ativas em seus projetos pessoais, enfrentando e subvertendo os limites ofertados ao feminino. A obra de 1997 tem um menino como protagonista, queixando-se da mãe que não atende à tarefa costumeira de preparar o lanche do filho, embora não deixe de alimentá-lo, especialmente no plano simbólico. Nenhuma conformação, portanto, aos ditames de uma cultura patriarcalista, da mesma forma que as protagonistas das obras de 2004, 2005, 2010. Se Aurora

luta como pode e parece ser mal-sucedida (não se esqueça da sentença escrita na tira de papelão “Eu sou Aurora”), há uma sobrinha que escreverá, mais tarde, a história dela, em clara denúncia da desigualdade entre os gêneros no acesso à educação e às posições na sociedade. Em “As paredes têm ouvidos”, conto de *Estrela de rabo e mais histórias*, há uma escravizada que se alfabetiza e faz o mesmo com o homem que a ama, para que possam ambos intervir no curso da injustiça habitual, que incluía o tratamento da mulher como objeto; no conto “Estrela de rabo”, a avó Rode é claramente a guia moral e prática da família. Ismê Captureba, negra livre, em São Salvador da Bahia do século XVIII, funda uma casa que acolhe crianças negras abandonadas e enfrenta os poderosos. Branca de Villamor, jovem branca iluminista, governa a própria vida segundo o projeto que traça para si. Bárbara contesta o pensamento dominante masculino em pequenas sutilezas do dia a dia; Vânia, filha do dono da fazenda, em que Bárbara vive, implementa uma administração baseada em cuidados próprios do feminino. Construir também, nessa novela, uma personagem de gênero masculino como professor primário é contestar a divisão patriarcal de tarefas segundo o gênero.

É possível que você esteja aludindo a um momento de luta frontal contra o masculino opressor e outro em que o campo está mais limpo, a mulher mais liberada para viver seus projetos, garantidos já vários direitos essenciais. Se, nos anos 1960, a chamada feminista à burguesia podia mostrar-se em um cartaz à frente de bares: “Mulher, lute pelos seus direitos; entre e tome um cafezinho”, nos anos 1990 a mulher entra em um restaurante, sozinha, sem constrangimento, pede sua refeição e paga por ela com o próprio dinheiro. Me refiro à mulher comum, classe média, não àquelas que sempre foram pioneiras nos atos de liberação. Por outro lado, embora muito se tenha conseguido, a violência contra a mulher ainda é forte, independente de classe so-

cial. E as mulheres mais pobres lutam basicamente contra as mesmas coisas que lutava Carolina Maria de Jesus, há cerca de sessenta anos. Ou as mulheres em Portugal, à época da terrível ditadura de Salazar, que tirou tudo o que pôde das mulheres.

Em 2018, hospedei uma colega portuguesa em minha casa, e em nossas conversas após o jantar, tirando a mesa, lavando a louça, ela me contou que até a queda da ditadura em meados de 1970 as professoras precisavam de licença para casar, concedida pelo ministro da Educação ou pelo próprio ditador. O pretexto era protegê-las de se casarem com aproveitadores, em função de terem o próprio salário. Dê uma lida em “Chama-se Antônio como o senhor”, em *Pégaso na sala de jantar*.

11 Desde os anos setenta, a mulher busca firmar-se no mercado editorial. Contudo, recentemente, fizemos um levantamento das obras que compõem os acervos do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) e observamos que, de 2.131 já disponibilizadas para crianças e jovens de todo o país, apenas 731 são de autoria feminina, ou seja, 34,3% do total. Em sua opinião, como escritora, é possível afirmarmos que as condições de escrita e publicação mesmo no século XXI ainda não são equânimes? Já sofreu preconceito por ser escritora?

As condições talvez não sejam ainda equânimes, mas muito se avançou. A quantidade de mulheres escrevendo é enorme e talvez não se ouça mais, como ouvi, em 1984, em uma chamada telefônica, quando o editor me identificou como a autora de *Manual de tapeçaria* (submetido ao concurso em questão como *Enredos de hera*): “Nilma, você é mulher? É que você é muito viril na escrita.” Imagine, em *Manual de tapeçaria*!

12 *Há três obras – Sortes de Villamor (PNBE 2011), Bárbara debaixo da chuva (PNBE 2013) e Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho (PNLD Literário 2020) –, e uma tradução – O Arminho Dorme (PNBE 2011) – de sua autoria que fazem parte de acervos resultantes de políticas públicas de leitura. Qual foi a sensação de ver suas obras inclusas nos acervos do PNBE e do PNL D Literário? O que mudou na sua relação com a escola, os jovens e o mercado editorial?*

Dá uma enorme alegria, claro. Não que essa inclusão ou prêmios recebidos qualifiquem, de alguma forma, minha obra ou me deem caminhos a seguir, mas saber que os livros que escrevo estão ao alcance de jovens nas escolas públicas brasileiras acalma a angústia em face da desigualdade no país, em face da quantidade de jovens que buscam respostas para essas e outras coisas e, embora não devam encontrá-las nos livros, esse será sempre um bom lugar de diálogo.

Não sei dizer se algo mudou na relação com esses espaços. Alguma facilidade na aceitação para edição de um original? Talvez. Até agora, edições e divulgações de meus livros foram fruto de meu envolvimento direto nesse trabalho, o que me pede muito tempo. Chegou a hora de contratar uma agência, e essa é uma meta.

13 *Além de escritora, professora e pesquisadora, sabemos que se dedica a traduções, como: O homem das miniaturas (2000), Eu não sou macaco (2005) e O Arminho Dorme (2009), esta última muito premiada. O que a motivou a adentrar o campo da tradução? Há critérios para eleição das obras que anseia traduzir?*

Há ainda outra obra traduzida, um desafio enorme que ultrapassei com alegria, sobretudo quando ouvi os funcionários colombianos na embaixada do Brasil na Colômbia elogiarem a qualidade da tradução. Trata-se de versos de Rafael Pombo, considerado o iniciador da li-

teratura para crianças no país. Houve uma edição *Lobato/ Pombo*, patrocinada pelas embaixadas dos dois países. Era o final de 2018, quando o livro foi lançado e, infelizmente, o que deveria ganhar edição comercial aqui e lá, não avançou.

Por que aceitei o trabalho, que me rendeu muito pouco em termos financeiros? Porque gosto muito de traduzir, um grande jogo para mim, que me traz uma alegria original, infantil, quase. E porque isso me ajuda a ser melhor escritora. A escolha dos livros decorreu de paixão, de encontros felizes, de luta por chegar aos editores. E são todas grandes obras – basta lê-las. Algumas outras paixões estão na lista.

14 Uma de suas últimas produções resultou na coletânea de contos de Teolinda Gersão, Alice e outras mulheres. Poderia abordar como se deu o processo de seleção dos contos? Quais critérios foram empregados?

Este foi um trabalho conjunto entre mim e a autora, que me enviou arquivos em *pdf* de duas obras que ainda não conhecia, editadas em Portugal. De resto, havia já lido todos os outros contos da Teolinda, e não foi fácil selecionar os que tivessem mulheres como o centro da narrativa, embora não necessariamente protagonistas de ação, mas também de sujeição, como “A mulher que prendeu a chuva”, magnífico. Outros contos, dentre os quais, “A mulher cabra e a mulher peixe” trazem julgamentos masculinos sobre a mulher, e a voz mais potente se faz ouvir na versão de Alice sobre a tal história de Wonderland: “Alice in Thunderland” fecha devidamente a obra.

Esse era o critério para trazer ao público brasileiro contos dessa grande autora, profundamente compromissada com a causa feminina. Desde *Os anjos*, que conheci em Paris por intermédio de uma colega da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, me encantei

com a obra de Teolinda, que aconselhei à editora Raquel Menezes, da Oficina Raquel.

15 Observamos em pesquisas recentes que não há qualquer dado sobre sua data de nascimento. Por questões de documentação biográfica, poderia nos ceder essa informação?

Creio que você me convida a redigir um verbete para a *Wikipedia*. Convite aceito com prazer. Começo: Nilma Lacerda nasceu no Rio de Janeiro em 9 de março de 1948. Filha de Nilton Gonçalves e de Maria dos Anjos Aguierras Gonçalves, seu nome de solteira é Nilma Aguierras Gonçalves. Passa a Nilma Gonçalves Lacerda com o casamento e adota mais tarde o nome artístico de Nilma Lacerda.

16 Como leitoras que apreciam o seu trabalho e têm sede. Há novas publicações literárias em andamento?

Uma boa quantidade de obras a caminho. Me aposentei da universidade pública em 2019, para ter o tempo devido para escrever. Foi uma decisão difícil, que demorou a ser tomada e precisou de ajuda terapêutica. Gosto do magistério e deixar a sala de aula precisou ser longamente elaborado. Uma vez tomada e implementada a decisão, foi tranquilo. Não lamentei. No entanto, estava terminando uma obra em casa e logo depois veio a pandemia, que me fez dedicar ao serviço doméstico boa parte de meu tempo. Ainda assim consegui organizar algumas obras que estavam paradas. E há uma boa lista delas. Este ano devo lançar *Europa, França e Bahia* – pelas águas da escrita, um diário de viagem; *Deus não tem nada com isso*: Diário de navegação da palavra escrita na América Latina (1999-2014), obra híbrida, intensa, cuja composição e revisão consegui terminar em maio de 2021. Deve sair também, finalmente, um livro teórico que organizei: *Temas polêmicos na literatura* – a necessária presença na escola. Ainda um conto para crianças, uma história de amor, um livro teórico, alguns

outros contos femininos. Darei conta? Não sei. Mas planejo, e recusei, com pena, para uma editora que admiro, fazer adaptação de um clássico. Algum bom senso a gente precisa ter.

*17 Existe algo que não perguntamos, mas gostaria muito de dizer?
Por favor, sinta-se à vontade, pois muito nos honraria.*

Este questionário revela o debruçar de leitoras cuidadosas sobre minha obra, o que me comove e alegra. “Escrever é ato solitário” é lugar comum e verdadeiro. Dialogar com leitores e leitoras é encontrar solidariedade, é atravessar a ponte, alcançar o outro lado. Responder a essas questões foi um bom momento para repensar minha trajetória de escrita, fazer um balanço do realizado. Serviu para pensar o já feito, apontar planos. Comecei pensando em criar um texto situado entre o metaficcional e o autobiográfico. Mas desisti, pela dificuldade do caminho que estava tomando, pelo desrespeito às perguntas tão criteriosamente feitas. Trabalhei com a maior consciência possível, e agradeço o prazo suplementar que me foi dado.

Referência

LACERDA, Nilma Gonçalves. *Sortes de Villamor*. São Paulo: Scipione, 2010.

*Recebido em: 20/02/2023
Aprovado em: 05/07/2023*